APRESENTAÇÃO · MATERIAL GRATUITO

Da propaganda nazista ao ódio nas redes

Como o antissemitismo se repete e o que podemos fazer

Foto: Metoc · CC BY-SA 2.5 · Wikimedia Commons



PARTE

A construção histórica do ódio

Foto: ברוך ניב · CC BY 2.5 · Wikimedia Commons

Propaganda nazista: um sistema estatal

- Em 1933, Hitler criou um ministério de propaganda dirigido por Goebbels.
- Censura, repetição e apelo emocional valiam mais que evidências.
- Judeus e outros grupos eram apresentados como bodes expiatórios.
- Propaganda e repressão andavam juntas: leis, polícia e violência.

Der Stürmer: ódio disfarçado de notícia

- Fundado por Julius Streicher em 1923, fabricava 'notícias' de ódio.
- Caricaturas desumanizantes e acusações conspiratórias apresentadas como fatos.
- Em 1934, reciclou o libelo de sangue, mito medieval.
- Em 1946, Streicher foi condenado em Nuremberg por crimes contra a humanidade.

Protocolos: uma fraude que sobreviveu

- Texto forjado pela polícia secreta russa, publicado em 1903.
- Em 1921, Philip Graves, do The Times, provou o plágio.
- Mesmo desmentido, apoiou Hitler e entrou na Carta do Hamas de 1988.
- Desmentir não basta: é preciso formar leitores críticos.

PARTE

O antissemitismo nas redes hoje



Foto: Alraunenstern · CC BY-SA 4.0 · Wikimedia Commons

Mitos antigos em posts e memes

- Teorias de 'controle judaico' da mídia, dos bancos e dos governos.
- Libelo de sangue e 'Grande Substituição' voltam em memes e vídeos.
- Culpa coletiva: judeus do mundo cobrados por decisões do governo israelense.
- Assédio direto até em posts comuns e jogos online.

Códigos e memes para driblar a moderação

- (((nome))): triplos parênteses usados por neonazistas para marcar judeus.
- Happy Merchant, emojis de porco e rato: caricatura e desumanização.
- 'Zio', 'globalistas', 'Khazar': disfarces para o mito do poder judaico.
- O contexto decide: avaliar texto, imagem, autor e alvo.

Depois de 7 de outubro de 2023

- O ataque terrorista do Hamas gerou uma onda de hostilidade contra judeus.
- CyberWell: alta de 86% em posts antissemitas nos 25 dias seguintes.
- ADL, EUA: 5.204 incidentes até o fim de 2023, mais que 2022.
- No X, 74% das alegações falsas mais virais vieram de contas com selo azul.

Os números no Brasil

- CONIB e FISESP: 1.788 denúncias em 2024, alta de 350% sobre 2022.
- 73% dos casos ocorreram no ambiente digital.
- X lidera: 402 ocorrências; Instagram vem depois, com 314.
- São denúncias recebidas; o total real tende a ser maior.

'Sionista' como xingamento

- Sionismo é o movimento nacional do povo judeu.
- Criticar o governo de Israel, por si só, não é antissemitismo.
- Teste: troque 'sionista' por 'judeu'. Se vira preconceito, era antissemita.
- Pela IHRA, negar o direito de Israel existir é antissemitismo.

PARTE

O que fazer diante do ódio



Foto: Alraunenstern · CC BY-SA 4.0 · Wikimedia Commons

Como denunciar no Brasil

- 1. Guarde provas: captura de tela, link, usuário, data e horário.
- 2. Denuncie na plataforma, na categoria mais específica.
- 3. Encaminhe à CONIB e à Segurança Comunitária da FISESP.
- 4. Ameaça? Registre ocorrência na Polícia Civil. Perigo imediato: emergência.

Responder sem espalhar o ódio

- Não compartilhe para criticar: isso amplia o alcance. Denuncie.
- Responda ao argumento, não ao xingamento.
- Prebunking: 72% identificaram manipulações antissemitas que nunca tinham visto.
- Sanduíche da verdade: fato, manipulação, fato de novo.

Para conversar

- Por que algumas mensagens convencem mesmo sem provas?
- Que mecanismos da propaganda nazista reaparecem nos memes de hoje?
- Como diferenciar crítica legítima de discurso de ódio contra judeus?

Para levar

- O ódio de hoje recicla mitos antigos, como os Protocolos.
- Códigos e memes disfarçam o antissemitismo; o contexto revela.
- Criticar governos é debate; culpar todos os judeus é antissemitismo.
- Guarde provas, denuncie e não amplifique o ódio.
- Leitores críticos são a melhor defesa contra a desinformação.